

T8: A identidade cultural desafia a globalização: o desafio dos agricultores franceses

Paulo Eduardo Moruzzi Marques & Susana Inez Bleil

Por Loren Piedrasanta

Com contribuições de grupos e do professor

Jose Bové é um francês que simboliza a resistência dos agricultores franceses contra uma globalização que não considera as particularidades das culturas regionais. Filho de pesquisadores agrônômicos, Bové desde jovem foi muito militante, participando em particular do movimento pacifista contra a extensão de um campo militar no Larzac. Desta forma, ele se instalou nestas terras, que não foram destinadas às forças armadas, enquanto pequeno criador de ovelhas, em Montredon du Larzac no sul da França.

Em 1999, Bové participou de um evento histórico, quando uma loja do McDonalds em Millau foi desmontada por grupo de agricultores da Confédération paysanne. Tratou-se de um ato de protesto pela decisão estadunidense, junto com a Organização Mundial do Comércio (OMC), de sobretaxar importações de especialidades francêsas. Esta decisão estadunidense foi uma retaliação ao embargo europeu contra a carne bovina dos Estados Unidos em razão do uso de hormônios de crescimento nas criações de gado, suspeitos de terem efeito cancerígeno. Assim, a medida europeia se fundou no “princípio de precaução”.

Este evento ocorreu numa época de controvérsia em razão de graves crises de “segurança alimentar”. Tratava-se de muitos problemas associados com a qualidade de alimentos, como “vacas loucas” e contaminações de dioxina em frangos belgas. A decisão estadunidense mostrava negligência em relação à segurança dos alimentos. A posição norte-americana se funda na concepção segundo a qual o comércio não deve sofrer restrições, pois assegura geração de riquezas para a sociedade.

O protesto da Confédération paysanne foi muito bem planejado. De todos os lugares onde o protesto poderia ter sido realizado (como em prestigiosa praia de Deauville, onde ocorria um festival de cinema norte-americano), desmontar uma lanchonete do McDonalds – em região reconhecida pela produção do queijo Roquefort, uma especialidade culturalmente muito importante para os franceses – foi o ato escolhido por seu grande simbolismo, ligado à uniformização alimentar. O protesto contra a cadeia McDonalds significava um ataque ao modelo de consumo dos norte-americanos, com seus efeitos destruidores, como o envenenamento dos alimentos e a banalização da agricultura, que é cada dia mais industrializada.

Este movimento significou um combate contra o monopólio, a arrogância, a hegemonia e o conformismo contra a ditadura alimentar. Foram também lembrados os aspectos mais gerais do desejo de conquista norte-americana no mundo, no cinema, música e sistema econômico global.

O ato da Confédération paysanne deixou cinco presos, incluindo Bové. O encarceramento de Bové causou muito debate na França sobre os atos acontecidos. Ele ganhou muita simpatia do povo. Bové foi liberado por fiança paga por diferentes organizações, incluindo associações norte-americanas de agricultores. Após sua liberação, os líderes da França clamaram por uma efetiva discussão do problema. Bové e a Confédération paysanne tornaram-se interlocutores fundamentais na rodada do milênio da OMC em Seattle. A Confédération paysanne ganhou muito apoio tentando responder as perguntas como: por que na França um movimento desta natureza pode ser contrapor vigorosamente ao processo de liberalização econômica globalizante? Qual o papel das tradições agrárias e da cultura alimentar na formulação das propostas da Confédération paysanne e como se reflete na sociedade?

A Confédération paysanne surgiu da esquerda da Jéneusse Agricole Catholique (JAC) que foi, nos anos de 1950 e 1960, responsável por uma mudança radical nas instâncias de representação da agricultura francesa. A JAC permitiu que a França tenha sido um dos raros países onde os agricultores puderam participar da

definição e execução das políticas que lhes diziam respeito. A JAC, de origem católica, rompeu com o tradicionalismo cristão para incorporar valores fundados na modernidade, laicismo e democracia.

No pós-guerra, a França, no contexto de sua reconstrução, estabeleceu um arsenal de medidas (em particular, prioridade para os jovens agricultores e aposentadoria precoce para os mais velhos) a fim de garantir o auto-abastecimento de alimentos, a partir de uma modernização que preservasse a agricultura familiar. O país tinha um grande contingente de camponeses. Dois tipos de visões eram favoráveis à preservação da agricultura familiar. A visão da direita considerava os camponeses como fonte de estabilidade política contra um movimento operário cada vez mais ofensivo. A visão da esquerda leva a formular um discurso e uma prática sobre a ideia de que a exploração familiar deveria ser priorizada pelas políticas agrícolas. Neste quadro, a JAC concebe uma proposta produtivista, julgando que a exploração familiar deveria sofrer um processo de adaptação aos novos tempos.

Assim, a agricultura francesa foi modernizada por políticas nacionais, reforçadas decisivamente com a criação da Política Agrícola Comum (PAC), em 1963. A PAC serviu como um instrumento de unir o velho continente, expressando a vontade de inserir a agricultura na economia moderna, permitindo que a França e a Europa alcançassem o objetivo de auto-abastecimento alimentar em poucos anos.

Porém, se este objetivo produtivo foi alcançado, o impacto negativo deste produtivismo nos âmbitos sociais, culturais e naturais são cada vez mais denunciados. É a partir desta crítica que nasce e cresce a Confédération Paysanne. Esta organização sindical representa “uma forte resistência às transformações da vida humana sob a glorificação da sociedade de consumo, na qual as necessidades de valorização do capital definem, antes de tudo, todas as escolhas”. A noção “paysan” (camponês) foi associada ao atraso e à ignorância. Assim, o processo de modernização foi baseado no propósito de superação da condição de camponês. Portanto, é a construção de uma nova identidade camponesa que permite explicar as motivações deste movimento sindical. A pujança deste movimento se explica também pela conexão que ainda existe na França entre o presente e o passado. O movimento aporta valores compatíveis com a modernização da sociedade, mas também aponta os inquietantes perigos do caminho atual.

A Confédération paysanne recusa a ideia de que se pode pensar na agricultura com duas velocidades: uma voltada para exportação e outra para um pequeno agricultor com função de conservação do espaço rural. A agricultura camponesa tem três dimensões essenciais para a sociedade. A primeira dimensão é social, relacionada à manutenção de empregos e com a solidariedade entre camponeses de todo o mundo. A segunda dimensão é econômica, ou seja a produção agrícola deve mostrar-se eficaz, agregando valor, permitindo que os volumes produzidos não precisem ser superabundantes, garantindo um bom número de agricultores em atividade. A terceira dimensão se refere ao respeito aos consumidores e à natureza, julgado fundamental. Estas dimensões significam grande responsabilidade pela qualidade dos alimentos, pelo equilíbrio ecológico, pela preservação das paisagens e pela biodiversidade nas mãos dos agricultores. Para a Confédération paysanne, a política desempenha um papel essencial para generalizar a opção camponesa, com o máximo de agricultores repartidos sobre todo o território vivendo decentemente de sua profissão, produzindo numa exploração de dimensão humana uma alimentação de qualidade.

A crítica contra o modelo produtivista tem impulsionado muito o crescimento da Confédération paysanne. Jean-Luc Gaugain é um criador de vacas normandas e é um dos principais articuladores da implantação da Confédération Paysanne na região de Calvados. Gaugain utiliza um sistema que aproveita os recursos da natureza de forma sustentável para produzir. Com seu sistema, ele defende a paisagem, a qualidade da alimentação e o bem-estar dos animais. Sua luta é focada na valorização da produção sobre bases mais ecológicas. Para este agricultor, a PAC não valoriza suficientemente as explorações que desempenham um papel favorável ao equilíbrio social e à preservação ambiental. Segundo Gaugain, o meio agrícola não pode ser visto

como uma máquina industrial de produção. Assim, acredita que a Confédération paysanne representa o setor excluído das políticas agrícolas produtivistas, buscando uma alternativa viável economicamente para produzir alimentos saborosos e com qualidade nutricional.

Ao comprar um alimento, muitos consumidores franceses desejam poder experimentar a tradição associada à qualidade do alimento, a partir do reconhecimento dos ingredientes, em particular sua origem e forma de produção. Assim, os camponeses são vistos como verdadeiros “jardineiros” nesse sentido¹. O agricultor-jardineiro é aquele que protege a paisagem e um modo de vida equilibrado do ponto de vista social e ambiental. Os atos de desmontagem do McDonalds demonstram o potencial de insatisfação contra uma lógica que destrói esta cultura agroalimentar.

A visão do mundo na qual a natureza e o alimento estão em comunhão requer uma produção que não rompa com este equilíbrio. Os franceses têm lutado para criar diferentes formas para assegurar uma alimentação de qualidade, o que pode ser representado claramente na máxima de Brillat Savarin (1982): “Diga-me o que você come e eu te direi quem você é”. Dessa forma, esta defesa de uma agricultura de qualidade, com uma maior proximidade homem-alimento, configura uma perspectiva de soberania alimentar.

Assim, considerando que o gosto é, não apenas um dom, mas também uma arte que se deve aprender ao degustar os mais diferentes sabores, a alimentação é muito mais que uma forma de saciar as necessidades fisiológica. Trata-se de um ato social, cultural e até mesmo artístico. Desta maneira, é relevante conceber o papel do consumidor na transformação da agricultura e no propósito da soberania alimentar.

SAVARIN, Brillat (1982) *Physiologie du goût*. Paris: Flammarion

¹ A propósito, as PANCs (Plantas Alimentícias Não-Convencionais) são plantas que encontramos facilmente e que a maioria das pessoas não conhece sua função alimentar. Muitas destas plantas crescem espontaneamente nos quintais e, habitualmente, são consideradas daninhas. Os agricultores jardineiros desempenham um papel de explorar o potencial de uma alimentação com estas plantas, enriquecendo a gastronomia do país.